

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

TECER-COM A VIDA: A INDÚSTRIA DE COURO E AS COSTURAS DA *SIMPOIESE*

Evelym Pipas Morgado¹

Wilson Madeira Filho²

Rafael Van Erven Ludolf³

Luiza Alves Chaves⁴

RESUMO:

Sob a pele curtida, há silêncio. Sob o silêncio, há grito. O couro que veste o luxo também reveste a dor — humana, animal, ambiental. Entre o verde do marketing e o vermelho do abate, a palavra sustentabilidade se dobra em véu, ocultando a violência. Este ensaio parte da crítica antiespecista e da ética do *tornar-se-com*, proposta por Donna Haraway. A pesquisa não fala sobre os animais, mas com eles: costura resistências e palavras para compor mundos partilhados. Investiga como o capitalismo e a colonialidade naturalizam a exploração de corpos e territórios, ao mesmo tempo em que se apropriam do discurso ecológico. Ao examinar a indústria de couro, busca-se compreender as contradições entre o discurso da sustentabilidade e as práticas materiais que perpetuam o especismo e a desigualdade. Inspirado pela *simpoiese* — o *fazer-com* — este ensaio propõe uma reflexão sobre as possibilidades de uma justiça multiespécie, entendida como uma ética de coabitação, de cuidado e de responsabilidade partilhada entre espécies e mundos. O couro torna-se metáfora da ferida e do tecido: é o espaço onde as fronteiras entre humano e não humano se encontram, se tocam e se refazem. Conclui-se que o enfrentamento do especismo estrutural exige repensar o próprio modo de habitar o planeta, tecendo práticas jurídicas, éticas e estéticas capazes de costurar novas relações mais justas. Assim, mais do que denunciar, este ensaio propõe um gesto de recomposição — uma poética do *fazer-com* que transforma a justiça em costura viva, onde o direito se refaz no encontro e o mundo se entrelaça em comum.

Palavras-chave: Especismo; Indústria de couro; Justiça multiespécie.

¹ Doutoranda (Bolsista CAPES) do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF). E-mail: evelympipas1@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9953199055529720>.

² Professor Titular da Faculdade de Direito e do PPGSD-UFF. E-mail: wilsonmadeirafilho@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4329212215460184>.

³ Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. E-mail rafaelvanerven@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7463992524509265>.

⁴ Professora Titular da Faculdade de Direito UFF/VR. E-mail. luizachavesjgd@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9350265341415578>.

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

DESTAQUES:

- Integra teoria crítica e poética, articulando Haraway e o conceito de *simpoiese* como método de pesquisa e criação.
- Propõe uma leitura do Direito a partir da coabitação e da responsabilidade entre espécies: Justiça multiespécie.
- Reinterpreta o discurso de sustentabilidade do couro como forma de ocultar exploração e especismo.
- Aponta para uma prática jurídica e acadêmica baseada no *fazer-com* e na criação coletiva de mundos.

DESENVOLVIMENTO

Nada se faz sozinho; nada é realmente autopoietico ou auto-organizado. (Haraway, 2016, p. 58, tradução nossa)

Pensar o couro é tocar a pele do mundo. Sob a aparência de luxo e resistência, há o rastro de uma história colonial e violenta. A indústria de couro, ao mesmo tempo que promete sustentabilidade, mascara a exploração sistemática de corpos — humanos e outros animais — que sustentam a economia globalizada. Este trabalho poético-ensaístico propõe olhar para esse material não apenas como mercadoria, mas como símbolo das relações que moldam o Antropoceno e as formas de vida nele inscritas. Mais do que descrever um setor econômico, busca-se compreender como o couro expressa uma gramática de poder que transforma corpos em objetos, natureza em recurso e sofrimento em valor de troca.

O problema de pesquisa parte, portanto, da contradição entre o discurso de sustentabilidade da indústria de couro e as práticas concretas que sustentam sua cadeia produtiva — práticas que envolvem o abate em massa de animais, a precarização do trabalho humano e a degradação ambiental. A pergunta que guia este estudo é: *como a ética do “fazer-com” — proposta por Donna Haraway — pode inspirar uma justiça multiespécie capaz de romper com a lógica autopoética do capital, baseada na separação e no domínio, e propor novas formas de coexistência entre humanos e outros animais?*

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

Para responder a essa questão, o trabalho se orienta por três objetivos específicos: (1) analisar criticamente o discurso da sustentabilidade na indústria de couro brasileira, evidenciando seus vínculos com o especismo e a colonialidade; (2) articular teoricamente os conceitos de *tornar-se-com* e *simpoiese* de Donna Haraway, aproximando-os dos debates do Direito e da moda sustentável; e (3) propor caminhos epistemológicos e éticos que permitam pensar uma justiça multiespécie, enraizada no cuidado, na interdependência e na co-responsabilidade.

O referencial teórico articula autoras e autores do campo do direito animal, da crítica decolonial e da filosofia da ciência, como Donna Haraway (2008 e 2016), Fabio Oliveira (2025), Rafael Ludolf (2024), Luiza Chaves (2022), Jailson Rocha (2019), Waleska Cardoso (2022), Martina Davidson (2025) e outros. Tais leituras são costuradas com reflexões da sociologia do direito e da estética crítica, de modo a tecer uma metodologia híbrida — ensaístico-poética e relacional — que reconhece o pensamento como corpo, e o corpo como lugar de enunciação. Aqui, o gesto de escrever é também o gesto de pesquisar: a poética assume função metodológica, na medida em que transforma a linguagem em espaço de resistência e reinvenção.

Neste contexto, Donna Haraway oferece conceitos fundamentais para repensar as fronteiras entre espécies e reconstruir modos de coexistência. Entre eles, destaca-se a ideia de *simpoiese*. A palavra, de origem grega (*syn*, com; *poiesis*, fazer), designa o gesto de *fazer-com*, em contraposição à *autopoiese* — o fazer-se sozinho. Haraway (2016) lembra que nada vive ou cria de forma isolada: toda existência é tecida em redes de interdependência. Humanos, animais, bactérias, máquinas e ambientes participam de uma produção contínua de mundos compartilhados. A *simpoiese* é, portanto, uma ética e uma estética do encontro — uma forma de compreender que viver é sempre co-produzir e co-responder. Contra a lógica do isolamento e do domínio, ela propõe o cuidado e a responsabilidade mútua: um modo de fazer mundo a partir do entrelaçamento.

Partindo dessa perspectiva, este trabalho entende o Direito como campo de costura, e não de fechamento. Se o paradigma moderno do Direito se construiu sobre a *autopoiese* — o fazer-se sistema, o falar apenas de si —, aqui propõe-se a escuta: o *fazer-com* como prática jurídica e epistemológica. Este ensaio defende que uma justiça multiespécie exige deslocar o olhar da norma para o vínculo, da abstração para a relação,

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

da autoridade para a reciprocidade. Trata-se, portanto, de reimaginar o jurídico como espaço de criação compartilhada, onde o reconhecimento do outro não se limita ao humano.

A indústria do couro é o palco onde vidas são convertidas em mercadoria. O que se chama de *subproduto* é, na verdade, o resultado do abate sistemático de animais; o que se apresenta como *progresso* apoia-se em relações de trabalho precárias e na degradação ambiental. A cadeia produtiva do couro naturaliza a transformação de vidas em mercadoria e de corpos em matéria-prima, convertendo sofrimento em valor econômico. Sob o selo da sustentabilidade, perpetuam-se dinâmicas coloniais de extração, poluição de rios e descarte tóxico, ao mesmo tempo em que o consumo é revestido de uma aparência ética e moderna. Este trabalho busca justamente evidenciar essa incoerência: como a retórica ambiental é mobilizada para legitimar práticas especistas e predatórias, que mantêm intactas as hierarquias entre espécies e o modelo de desenvolvimento baseado na violência e no lucro.

A abordagem metodológica deste trabalho combina análise crítica de discursos institucionais e empresariais sobre sustentabilidade com interpretação teórica e poética, que permite tensionar os limites da linguagem jurídica e econômica. Essa escolha metodológica se justifica pela natureza simbólica e material do objeto: o couro não é apenas produto, mas signo — uma superfície onde se inscrevem as hierarquias entre espécies, as economias do sofrimento e as políticas da invisibilidade.

Donna Haraway sussurra: tornar-se-com. Não mais falar **por**, mas **com**; não mais dominar, mas compor. O tornar-se-com é ética de coabitação, recusa da separação entre humano e não humano. O couro, sob essa lente, deixa de ser matéria morta: é superfície de relação interrompida, ferida que ainda pulsa. A crítica antiespecista encontra, em Haraway, uma ponte entre denúncia e criação: se o sistema é costura de violências, é preciso descosturá-lo — ponto a ponto, relação por relação — para que novos mundos possam ser compostos. A proposta é reconhecer o especismo como estrutura de poder entrelaçada ao patriarcado, ao racismo e ao colonialismo, que legitima a exploração da vida não humana como recurso e propriedade. Ao evidenciar esse entrelaçamento, a pesquisa sugere que o enfrentamento do especismo requer uma epistemologia do cuidado, capaz de romper a lógica da dominação e produzir outros modos de relação.

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

No Brasil, o couro carrega o peso da colonialidade: desmata biomas, adoce corpos, subjuga animais e trabalhadores. Na história colonial, o rebaixamento da animalidade foi estratégico para a dominação dos corpos animalizados e territórios. Assim, o couro é matéria de luxo construída sobre ruínas. Mas, também é símbolo de possibilidade: o que pode nascer quando olhamos para a pele não como produto, mas como história? Recontar essa história é, também, um ato de resistência — e um convite à reinvenção das práticas jurídicas e acadêmicas.

Os resultados desta reflexão se expressam menos em dados empíricos e mais em imaginações críticas: deslocar a moda do fetichismo ao cuidado, o Direito da norma à escuta, a pesquisa da abstração à relação. O texto sugere que o caminho para uma justiça multiespécie é também um caminho estético — uma reeducação do olhar e da palavra, onde o gesto de pensar é o gesto de compor mundos.

A relevância científica e social da investigação reside em sua capacidade de aproximar teoria crítica, prática jurídica e poética antiespecista, propondo um modelo de pesquisa comprometido com a vida em sua pluralidade. Ao trazer o pensamento de Haraway para o campo do Direito e das ciências sociais, o estudo amplia o debate sobre ética, sustentabilidade e colonialidade, oferecendo uma lente multiespécie para os problemas contemporâneos. Trata-se, em última instância, de pensar a pesquisa como ato político e afetivo: um *fazer-com* que costura conhecimento e cuidado.

Assim, o problema que se delineia não é apenas compreender as contradições da indústria de couro, mas sentir suas reverberações éticas. Como coexistir em um planeta que sangra sob o disfarce do luxo? Como fazer da justiça um tecido comum, tecido de todos? Talvez a resposta esteja na própria trama: uma política da interdependência, uma pedagogia do encontro, uma simpoiese de resistência e ternura — onde o Direito não é instrumento de poder, mas gesto de costura entre mundos que ainda insistem em viver.

REFERÊNCIAS

BENETTI, L. P.; HELD, M. S. B. Greenwashing e o mito da sustentabilidade na moda: alienação e fetichismo da mercadoria. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 6, n. 1, p. 1–17, 2022.

CARDOSO, Waleska Mendes. **A produção do direito dos animais no campo jurídico brasileiro**: uma leitura bourdieusiana. Curitiba, 2022.

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

CHAVES, Luiza Alves. **V de vegano**: veganismo como estratégia política de redução de riscos de novas eclosões pandêmicas. Niterói: UFF, 2022.

DAVIDSON, Martina. Para além da metáfora: rumo a uma prática multiespécie encarnada, situada e desobediente. **(Des)troços: revista de pensamento radical**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. e59770, 2025.

HARAWAY, Donna J. **When Species Meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

LUDOLF, Rafael Van Erven. **Resistência animal**: uma análise da exportação de gado vivo do Brasil. Niterói: UFF, 2024.

MADEIRA FILHO, Wilson; MORGADO, Evelyn Pipas. (Orgs.). **Direitos não-humanos**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

MORGADO, Evelyn Pipas. **Sob(re) a pele da opressão animal**: tecendo caminhos para o antiespecismo. Niterói: UFF, 2023.

OLIVEIRA, Fabio Alves Gomes. O especismo enquanto soberba. **Revista Cult**, São Paulo, ed. 318, 2025.

ROCHA, Jailson José Gomes. **Direito animal latino-americano**: uma experiência decolonial. Salvador: UFBA, 2019.

SANTOS, P. V. S.; ARAÚJO, M. A. de. A metodologia de produção mais limpa (P+L): um estudo de caso em uma indústria de curtume. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 9, n. 1, p. 524–547, 2020.